

FMI discute co-responsabilidade

Brasil apóia a tese e, com isso, Funaro viaja mais animado

MARCOS GUÍAO/ANGULAR



Funaro sai do jantar em S. Paulo para Washington

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, viaja amanhã à noite para Nova Iorque, onde fará duas palestras, na terça-feira, em agências de desenvolvimento. No dia seguinte, ele segue para Washington, onde participará da reunião do comitê interno do Fundo Monetário Internacional. Em jantar com empresários, na sexta-feira, Funaro confidenciou que viajará mais animado: o FMI discutirá pela primeira vez a tese da co-responsabilidade (ou seja, não só o devedor, mas também o credor é responsável pela dívida), que o Brasil apóia. Não está previs-

Os ministros da Fazenda dos países ricos e do Terceiro Mundo vão se reunir amanhã em Washington para discutir medidas objetivando a redução do desemprego em alguns países e o peso da dívida externa em outros.

A sessão de primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial reunirá durante toda a semana 30 ministros da Fazenda e será o ponto de partida das discussões econômicas de alto nível, que culminarão a partir de 8 de junho em Veneza com a reunião de cúpula dos sete grandes países industrializados.

A atividade econômica mundial dá mostras inquietantes de fraqueza. O FMI, uma das fontes de informação mais confiáveis, deveria anunciar uma baixa substancial do crescimento previsto nos países industrializados em 1987: 2,2 por cento em lugar dos 3,25 por cento. O crescimento é o ponto fraco da situação, principalmente na Europa e Japão, destacou uma fonte bem informada.

Seja os altos e baixos do dólar, a guerra comercial latente entre os Estados Unidos e o Japão ou a moratória imposta pelo Brasil, tudo se reduz a um crescimento insuficiente, observam os meios financeiros internacionais.

Em Washington, o trabalho prioritário das grandes potências econômicas — Estados Unidos, Japão e Alemanha Ocidental — deverá ser a concretização das duas partes do acordo de Paris (de 22 de fevereiro passado): conseguir a estabilização das grandes moedas e apoiar a atividade econômica de forma coordenada. As perspectivas de êxito parecem escassas.

Após seis semanas de inquietação, o dólar tem conseguido estabilizar-se diante do marco e do iene. Mas o mercado cambial poderia entrar novamente em uma zona tormentosa se os grandes países industrializados não chegassem a apoiar suas palavras com fatos, advertiram numerosos investidores.

O Japão, com um governo gravemente ameaçado, poderia retardar toda reativação orçamentária "séria", segundo uma fonte próxima aos meios monetários. A RFA considera que já fez muito para sustentar a economia mundial, de acordo com o ministro alemão ocidental da Fazenda, Gerhard Stoltenberg.

Nos Estados Unidos, o compromisso de reduzir o enorme déficit público (170 bilhões de dólares previstos em 1987) poderia não resistir a um combate prolongado entre a Casa Branca e o Congresso, sem falar das ameaças protecionistas cada vez mais precisas.

to encontro de Funaro com o coordenador do comitê dos bancos credores, William Rhodes, pois essa tarefa ficará com o presidente do Banco Central, Francisco Gros, que também viaja. Entretanto, mesmo Funaro pretendendo prosseguir sua missão de politizar o tratamento da dívida, terá dois encontros com banqueiros. No encontro com os empresários, Funaro disse ainda que o governo brasileiro não pretende apenas resolver o fluxo de caixa, mas obter a renegociação plurianual da dívida, por quatro anos. Os juros, disse ele, não serão pagos até que essa solução surja.

Estes casos serão discutidos pelos ministros da Fazenda do Grupo dos Cinco (Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental, França e Grã-Bretanha), e depois pelo grupo dos sete (mais Itália e Canadá), segundo a mesma fonte.

Estancamento do comércio internacional, baixa dos preços de matérias-primas como o café ou o cacau, cessar os empréstimos bancários: os recursos líquidos dos países devedores são reduzidos incessantemente e os ministros da Fazenda terão que examinar essas questões.

Por outro lado, "não é seguro" que na reunião de Washington se insista nas dificuldades financeiras dos países que dispõem de ingressos mais importantes. A moratória imposta pelo Brasil já obrigou os bancos norte-americanos, como o Bank of America ou Manufacturers Hanover, a reduzir seus lucros. Os bancos privados demoram a aprovação de créditos suplementares aos devedores mais dóceis, como México e Filipinas.

Mas, a estratégia de crescimento definida por esses países no Plano Baker (1985) continua válida, apesar de que sua colocação em prática pode exigir mais de quatro ou cinco anos, asseguraram as mesmas fontes.